

# UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos  
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes  
Janara Sousa  
Ruth Reis  
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



FAC  
LIVROS

# Um grito no ar

*Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais*

---

## **Organizadoras**

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

**Foto Capa** Daniel Castellano (Gazeta do Povo)  
**Agradecimentos** Ângela Alves Machado  
**Diagramação** LaPCom  
**Apoio** Lizely Borges



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB**

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,  
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627  
E-mail: fac@unb.br

**DIRETOR**  
Fernando Oliveira Paulino

**VICE-DIRETORA**  
Liziane Guazina

**CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO**

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e  
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

**CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)**

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard  
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti  
(UFSC).

**CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)**

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo  
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng  
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

**SECRETARIA EDITORIAL**

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica

---

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /  
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.  
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

---

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.  
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>ALEXANDRE MARCELO BUENO.....</b>	<b>9</b>
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
<b>ANA JÚLIA RIBEIRO .....</b>	<b>26</b>
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
<b>ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE .....</b>	<b>30</b>
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
<b>BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE .....</b>	<b>34</b>
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
<b>BRUNELA VINCENZI.....</b>	<b>47</b>
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
<b>CARLA CERQUEIRA.....</b>	<b>52</b>
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
<b>CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO .....</b>	<b>59</b>
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
<b>CICILIA M.KROHLING PERUZZO .....</b>	<b>65</b>
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
<b>CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI .....</b>	<b>71</b>
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
<b>DÁRIO BOSSI.....</b>	<b>76</b>
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
<b>DEOLINDA CARRIZO .....</b>	<b>90</b>
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
<b>EDNA CALABREZ MARTINS.....</b>	<b>94</b>
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
<b>ERIKA CAMPELO.....</b>	<b>108</b>
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
<b>FRANCESCA GARGALLO.....</b>	<b>119</b>
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
<b>FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN .....</b>	<b>134</b>

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
<b>GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO</b> .....	<b>142</b>
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
<b>JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA</b> .....	<b>150</b>
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
<b>JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ</b> .....	<b>157</b>
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
<b>KEILA SIMPSON</b> .....	<b>166</b>
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
<b>LAM MATOS</b> .....	<b>173</b>
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
<b>LYDIA ALPIZAR</b> .....	<b>179</b>
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
<b>MÁRCIO ZONTA</b> .....	<b>193</b>
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
<b>MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA</b> .....	<b>197</b>
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
<b>MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA</b> .....	<b>206</b>
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
<b>MARIA LUCIA LOPES DA SILVA</b> .....	<b>217</b>
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
<b>MARINA POGGI</b> .....	<b>232</b>
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
<b>MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO</b> .....	<b>242</b>
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
<b>MÔNICA CUNHA</b> .....	<b>259</b>
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
<b>OMAR CERRILLO GARNICA</b> .....	<b>265</b>
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
<b>PRISCILA GAMA</b> .....	<b>272</b>
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
<b>RAFAEL FORTES</b> .....	<b>277</b>

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
<b>RENATO JANINE RIBEIRO</b> .....	<b>288</b>
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
<b>ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA</b> .....	<b>298</b>
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
<b>ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA</b> .....	<b>305</b>
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
<b>TÂNIA CRISTINA CRUZ</b> .....	<b>311</b>
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
<b>TÂNIA MARIA SILVEIRA</b> .....	<b>316</b>
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
<b>THIAGO APARECIDO TRINDADE</b> .....	<b>325</b>
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
<b>VAGNER FREITAS</b> .....	<b>337</b>
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
<b>A CAPA</b> .....	<b>342</b>
<b>AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>343</b>

*“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,*

*PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)*

---

*“Parece que a gente fala para a comunidade de uma forma e a imprensa vem e fala de outra forma, sempre com termos pejorativos, sempre de uma forma estereotipada”*

---

**KEILA SIMPSON**

## Cidadania das pessoas trans

*Fernanda Martinelli<sup>1</sup>*

*Maria Léo Araruna<sup>2</sup>*

*Taya Carneiro<sup>3</sup>*

*Keila Simpson é presidenta da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), a maior e mais antiga Rede Nacional de Travestis e Mulheres Transexuais do Brasil, que tem como missão mobilizar Travestis e Mulheres Transexuais das cinco regiões do país para a construção de um quadro político nacional a fim de representar esses dois segmentos na busca de cidadania e igualdade de direitos. Foi a primeira travesti a assumir a presidência do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos Humanos LGBT e também é membra da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT). Em 2013 foi condecorada com o Prêmio Direitos Humanos, recebido das mãos da presidenta Dilma Rousseff.*

---

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Comunicação da UnB (Universidade de Brasília), doutora em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ (2011) e mestre em Comunicação e Cultura pela mesma instituição (2006). É integrante do grupo de pesquisa Cultura, Mídia e Política, pesquisadora associada à CIEC (Coordenação Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos / UFRJ / CNPq) e ao NEMP (Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política / UnB) e membro da International Association for Media and Communication Research (IAMCR). Atualmente coordena pesquisa sobre discriminação de pessoas trans no acesso à renda e ao mercado de trabalho. E-mail: nandamartineli@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Graduanda em Direito pela Universidade de Brasília (UnB). Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direitos Humanos, atuando principalmente, nos seguintes eixos: Gênero, Sexualidade e Juventude. É ativista dos direitos de mulheres, de crianças e adolescentes, de pessoas trans e da população LGBT em geral. Integrante da Coletiva LGBT e Projeto de Extensão Corpólitica. Atualmente participa de pesquisa sobre discriminação de pessoas trans no acesso à renda e ao mercado de trabalho. E-mail: leoeraruna27@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (PPGFAC/UnB) e graduada em Comunicação Organizacional pela mesma instituição (2016). Pesquisadora nos grupos de pesquisa Cultura, Mídia e Política e GEPCOR (Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação Organizacional) vinculados ao CNPq, e membra efetiva da Comissão Gestora Pró-LGBT da UnB. Atualmente pesquisa moda e identidade de gênero, e discriminação no acesso à renda e ao mercado de trabalho. E-mail: carneiro.queiroz@yahoo.com.br



*Qual a sua percepção sobre o papel dos movimentos sociais na atualidade? E dos movimentos sociais que atuam na luta pelos direitos das pessoas trans, em particular? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.*

A minha percepção é que os movimentos estão disputando muito individualmente algumas bandeiras, ou por protagonismo, ou por próprio “umbiguismo”. Acho que isso é uma coisa muito presente, está todo mundo correndo sem um direcionamento sério. É preciso unificar mais a luta! Se a gente realmente quer fazer algo que reverbere sobre a população brasileira, é preciso que a gente siga bandeiras não únicas, mas bandeiras pré-definidas que sejam importantes, bandeiras que defendemos comuns a todos os seguimentos, sejam qualquer dessas pessoas LGBT.

O movimento que eu faço parte, mais diretamente e organicamente, é o Movimento Trans que também tem essa mesma problemática. Tem a problemática de que ele foi iniciado muito em cima não de uma briga, mas de uma proposta de protagonizar, de fazer propriamente com que a população trans tivesse representação por ela mesma e não por terceiros. E tem uma parte de pessoas que, até hoje, quer tutelar esses movimentos. É preciso modificar um pouco, é preciso oxigenar o movimento. É preciso que a gente tenha ideais novos, de uma juventude nova que possa se somar nessa luta, e que tenha em mente os ideais das pessoas que iniciaram e fundaram esse movimento – das pessoas mais velhas que aqui transitaram. Mas que pense conjuntamente com essa mesma população, as perspectivas do futuro a que a gente vai chegar. Na verdade, é isso que a gente precisa fazer.

Houve mudanças, sim, as mudanças que aconteceram foram esses pequenos avanços, essas políticas. Parafraseando Berenice Bento, “gambiarra legais”. Mas eu acho que foram importantes as mudanças que a gente teve na forma como a gente era vista na década de 80: somente prostitutas somente à noite na rua, sem poder sair de dia; e hoje, já conquistando pequenos espaços, conquistando lugares. Obviamente, que muito distante do ideal que a gente precisa ainda enquanto população trans, mas já em uma perspectiva de mudança. É nítido que muitos assassinatos, também em maior número e muito alardeadamente como é bastante noticiado agora, quase uma morte por dia, nos causa um pouco de espanto e faz com que a gente tente encontrar caminhos para minimizar essa violência. Mas, a gente não pode negar que tem avanços em muitos aspectos em relação às pessoas trans no Brasil.

*Como você avalia os enquadramentos sobre as pessoas trans em produtos de entretenimento na mídia brasileira – em novelas, cinema, programas de auditório? E como são os enquadramentos sobre as pessoas trans e os movimentos sociais pelos direitos das pessoas trans nos veículos de imprensa?*

Os enquadramentos que a mídia mostra, hoje, sobre pessoas trans, são, na maioria, estereotipados, quase sempre eu chamo isso de visibilidade negativa. A mídia nunca está preocupada em proporcionar uma visibilidade positiva; são sempre programas de auditórios que tendem a ser mais vistos como sarcásticos, ou nesses programas mais de “baixaria”, quando vai uma trans ser entrevistada por uma pessoa que é completamente oposta ao que a pessoa trans significa. Então, eu vejo que a mídia explora muito esse lado, explora muito um lado mais polêmico da questão, tudo para ganhar audiência e pontos no IBOPE.

Eu não acho que a mídia, nesse exato momento e nessa conjuntura, favorece a população trans. Para mim, ela ainda deixa muito a desejar, porque convida as pessoas e, quando chegam lá, tem sempre uma polêmica posta no ar. E quando não é uma polêmica por questões que envolvem ideias e conceitos, faz-se uma apologia toda da imagem, torna masculinizada a imagem da pessoa trans, desrespeitando sua identidade de gênero; e por mais que a pessoa ostente uma identidade de gênero feminina, esta é colocada de lado. E isso é muito ruim com relação a essa mídia. É preciso que a mídia e a imprensa possam, então, perceber e dialogar com os movimentos sociais constituídos. E não precisa reverberar exatamente o que o movimento social determina, mas que a mídia possa se basear um pouco no que a gente prega, no que o movimento social vem debatendo. Porque a gente vem ouvindo e tem a possibilidade de estar mais próxima dessas pessoas e de exatamente poder responder a uma parte das demandas que elas tanto almejam.

A ANTRA mandou, num período anterior, uma carta aberta orientando os jornalistas brasileiros sobre como devem tratar pessoas trans: travestis, homens trans e mulheres transexuais. Como poderiam usar os artigos, como é importante, então, a forma de chamar essas pessoas, como é que você flexiona o gênero quando se está falando dessas pessoas. Mas, obviamente, alguns veículos tendem ainda a abordar essa questão de gênero da forma que o (dicionário) Aurélio determina, eles têm o conceito do Aurélio como o conceito definidor dessas identidades e acabam escrevendo e masculinizando os termos. Mas a gente tem tentado, de todas as formas, modificar um pouco essa realidade. A ANTRA tem trabalhado muito para fazer uma ação para que possa ser modificado esse conceito do Aurélio, a fim de que as pessoas, então, possam entender como é que a população de travestis, mulheres transexuais e homens trans do Brasil preferem ser tratados.

*Você identifica diferenças nas abordagens sobre os movimentos sociais na imprensa em função da causa a que se associam? Identifica diferenças de abordagens com relação a um mesmo movimento social entre os diferentes veículos? Cite exemplos.*

Obviamente que eu vejo muita diferença nas abordagens entre o que o movimento prega e o que a mídia publica. Eu acho que isso é mais um complicador para que a gente avance na questão da cidadania das pessoas trans. Parece que a gente fala para a comunidade de uma forma e a imprensa vem e fala de outra forma, sempre com termos pejorativos, sempre de uma forma

estereotipada, e isso não ajuda. É preciso que a gente encontre um caminho para fazer uma abordagem única, isto é, que o nosso movimento possa facilitar e que a mídia também possa repassar essas informações de uma forma que a gente se sinta contemplada quando eles falarem. Porque a forma de utilizar os termos que está corriqueiramente publicada pela mídia não nos contempla, apenas com raríssimas exceções, e isso eles fazem muito, um veículo vai copiando o que o outro fez... Um exemplo bem claro disso é a questão da homofobia. A homofobia, hoje, é utilizada pela mídia para todas as formas de violência contra pessoas LGBT. E nós do movimento trans entendemos que esse termo homofobia pode muito bem vir como um termo guarda-chuva que vai contemplar todas as fobias que se tem contra a população LGBT, mas aí reivindicamos também que seja identificado cada sujeito que sofre a fobia: para as lésbicas, lesbofobia; para bissexuais, bifobia; para travestis e transexuais, transfobia; e para gays, gayfobia. Então, com essa forma de falar, e se a imprensa puder entender a importância de apontar e falar dos sujeitos dessa forma, para a gente também seria muito importante, e iria popularizando mais os termos que a gente reivindica.

*Você acredita que, de alguma forma, a imprensa brasileira contribui para a construção de imagens estereotipadas dos movimentos sociais? Como é isso especificamente em relação aos movimentos sociais pelos direitos das pessoas trans? Cite exemplos.*

A imprensa e a mídia, no Brasil, sempre criam e mostram uma forma estereotipada dos movimentos sociais. Vamos lembrar que a mídia é burguesa, é sempre da classe burguesa, abastada, e sempre viram os movimentos sociais como sendo construídos por pessoas “vagabundas”, sem ter o que fazer. A mídia sempre teve essa forma estereotipada de ver os movimentos sociais, porque os movimentos se levantam, fazem ações. E essas imagens estereotipadas que a mídia cria vão muito ao encontro dessa ideia de ser de uma classe social superior que pode estigmatizar outra mais baixa que não a sua. Então eu acho que quando esse movimento social é de pessoas trans, que estão à margem da margem da sociedade, é muito pior. Se a mídia já não conhece muito dos movimentos sociais existentes, imagina então daqueles feitos por pessoas trans? Feito de pessoas que estão ali de uma forma que nem deveriam estar. Por isso, é muito mais difícil ainda se colocar enquanto movimento social e ser respeitada enquanto tal, e ser respeitada enquanto pessoa trans que é ativista e política, e que pode e deve participar de questões públicas no Brasil.

Isso tudo não será visto com bons olhos, porque essa mídia que está aí, que é parcial e burguesa, acaba sempre pensando de uma forma elitizada. Se você pensar, por exemplo, já tem 22 anos que fazemos encontros nacionais. Já tivemos diversas atividades e levamos passeatas para a rua no Brasil todo, de garantias de direitos, mesmo que pequenos, mas de direitos para as pessoas trans. E a mídia nunca se interessa por isso, nunca populariza, nunca dá essas notas, nunca dá

essas notícias como notícias importantes. O que acontece é que a gente publica na internet, hoje, a internet nos dá essa grande possibilidade. Mas na TVs só aparecem casos muito estereotipados e casos em que dá uma visibilidade totalmente negativa. O caso Dandara, por exemplo, só tomou a TV depois que as mídias menores já haviam explorados à exaustão.

*Você identifica alguma diferença da cobertura dos movimentos sociais entre a imprensa brasileira e a internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os movimentos sociais.*

Assim como a imprensa nacional, a internacional tem a mesma forma de atuar, não é muito diferente. Acho que com uma pequena ressalva, alguns veículos de comunicação de outros países do mundo, alguns que eu conheço, fazem uma abordagem um pouco mais suave, mas, mesmo assim, ainda têm um teor muito de estereotipar as pessoas e de desqualificar e de associar sempre essas pessoas ao que há de mais nocivo no mundo. E isso não é incomum no resto do mundo.

O diferente, nessa questão da mídia aqui no Brasil e no resto do mundo, é que no Brasil nós somos muito vidrados na TV e nas outras partes do mundo não é assim, as pessoas não ligam muito a TV, não passam horas de suas vidas com a TV ligada, não há aquele hábito de estar com a TV ligada em grande parte de seus dias. Então eu acho que aquilo que passa na TV não reverbera tanto para as pessoas quanto reverbera aqui no Brasil. Essa diferença é importante de se analisar. Mas, sobre a visibilidade negativa, não é muito diferente em outras partes do mundo, obviamente com algumas ressalvas pode até acontecer.

É importante que as pessoas não se deixem guiar exatamente por aquilo que a TV mostra, mas que elas possam buscar outros canais de informação. Acho que esse trabalho deve ser feito aqui no Brasil. Não acreditar só no que a TV e as manchetes de jornal mostram, mas buscar outras formas e fazer seu juízo de valor. Acredito ainda que os programas religiosos veiculados na TV aberta, diariamente, têm uma contribuição muito significativa para que as violências contra LGBTs, especialmente contra as populações trans, se solidifiquem, pois passam informações preconceituosas, quase o dia todo, ao venderem um Deus que eles acreditam ser o ideal.

*Qual a importância da imprensa para os movimentos sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.*

A imprensa é um meio de comunicação importantíssimo. Nós temos como exemplo o programa “Amor e Sexo”, da Rede Globo que, quando passa, quase todo mundo assiste, porque o programa

faz uma abordagem diferente e interessante que dialoga um pouco com o que a gente do movimento social faz. Mas, mesmo esses programas mais progressistas ainda não conseguem contemplar a diversidade de sujeitos que compõem a comunidade LGBT, pois sempre primam por levar pessoas conhecidas da mídia, pessoas famosas e que são, quase sempre, de classe média branca; assim se esquecem de que a maioria da população LGBT está longe dessas classes e dessas identificações. Por outro lado, há outros programas que nem isso faz. Então, a mídia tem sempre esse papel duplo, se em um programa a abordagem é interessante e intensa, em outro já deixa muito a desejar. E aí todo mundo se baseia naquilo que a imprensa dita e diz, e a gente fica muito refém dessas coisas.

Acho que a mídia como um todo poderia compreender mais dessa diversidade que a gente tem e tentar equilibrar um pouco essa questão para que não fique só o lado pejorativo e que não tenha só um programa falando disso. Ela precisa envolver mais pessoas militantes, ativistas e até a academia, para que a gente possa orientar a população. E digo que isso deve acontecer nos grandes canais de comunicação, não só nessas mídias alternativas, mas na TV aberta mesmo, que todo dia entra na casa das pessoas. Tem que levar pesquisadores e movimentos sociais para discutir de forma muito séria essas questões que se referem a todos nós. A novela das nove da Rede Globo, “A Força do Querer”, por exemplo, traz uma abordagem que retrata muito as pessoas trans em seu cotidiano e as dificuldades que passam. Ela está fazendo uma abordagem interessante. O que fica por trás disso é que sempre quando aparece na mídia é a abordagem da “coitadinha”, ou da “marginalizada”, ou da “doente”. Essa abordagem da novela está muito pautada na patologia, o que é uma temática que as pessoas trans no Brasil e no mundo já vêm tratando: a necessidade de trabalhar com a despatologização.

As pessoas trans não podem ser mais reféns de laudos psicológicos e psiquiátricos que dizem quem elas realmente são. Elas são pessoas que podem dizer sobre elas mesmas e não precisam de um laudo para atestar isso. E a gente tem, cada vez mais, trabalhado muito com isso, mas a abordagem que vem aparecendo na novela, pelo que eu tenho lido e pesquisado, é muito ainda nessa questão da patologização. É preciso trabalhar para além disso. Não só pela despatologização em si, mas também para que a pessoa trans não precise se enquadrar nos moldes que essa patologia requer. Se a homossexualidade foi retirada do rol de doenças da Organização Mundial de Saúde (OMS) na década de 90, por que não retirar a transexualidade desse rol? A gente vem trabalhando com isso, nós do movimento trans estamos debatendo muito sobre isso e já temos essa opinião formada. E esperamos, agora, que a mídia possa acompanhar o que estamos discutindo com os conselhos de classe, com o Conselho Federal de Medicina (CFM) e com o Conselho Federal de Psicologia (CFP), para que a gente possa, então, entender também que essa questão de patologizar a pessoa pelo que ela é e se identifica é cruel, e as pessoas trans não merecem isso. Destaco que no último dia 25 de maio, por exemplo, o CFM convocou os movimentos sociais para rediscutir a portaria 1.955 de 2010 e a ANTRA pautou essa questão da patologização, entre outros assuntos.

### *Considerações finais*

Acho que falar sempre desse envolvimento entre população LGBT, população trans, especificamente, e mídia, é uma coisa bem importante. É importante que a academia se debruce sobre isso, é importante que a gente publique estudos sobre esse assunto, para que, então, a gente possa mostrar para a sociedade brasileira que ela também tem a responsabilidade de pesquisar e investigar aquilo que ela não considera correto, para que as pessoas possam emitir seu próprio juízo de valor, e não deixar só que a imprensa dite. A imprensa mostra uma parte, mas a sociedade tem que entender um todo. Ter outro olhar, ver uma posição contrária, encontrar outro viés. Acho que trabalhos como esse podem contribuir bastante para que a sociedade brasileira se aprofunde e se familiarize mais com esse assunto.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

**PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)**



Universidade de Brasília

